

A Voz da Juventude

Directora
Maria Teresa Rita Lopes

Revisto pela Professora
Sr.ª Dr.ª D. Maria Narmenda Fernandes

Composto e impresso na Tipografia União-Faro

Telefone 154



Aniversário

Por Maria Teresa

FAZ um ano que numa bela manhã de Primavera «A Voz da Juventude» saiu transfigurada, da complicada engrenagem das máquinas de uma tipografia. E todas nós assistíamos, olhos abertos de pasmo e de contentamento, à radical transformação do estovado jornalinho que rabiscávamos à toa no 2.º ano, e que o sr. Manuel João condescendia em passar à máquina. E, pouco a pouco, surgiu um cabeçalho em letras nítidas e gordas, páginas com mais requintes e floridos na apresentação gráfica, enfim, um jornaleco muito outro, mais senhor do seu nariz. Isto, é claro, de termos um jornal a sério, mesmo como os das «pessoas crescidas», conferiu-nos uma certa importância e responsabilidades..., e então, planos para futuro, isto e aquilo a modificar ou a acrescentar, absorveram grande parte dos nossos pensamentos.

E o segundo n.º saiu. A's vezes, porém, a perspectiva sempre assustadora de um exercício de Matemática ou de Geografia vinha espantar todas as irisadas quimeras. e lá se iam por água abaixo essas magníficas intenções...

No entanto, a sua lembrança nunca se esfumou, no nosso espírito — porque nós somos jovens; a vida é um espectáculo inédito mais ou menos maravilhoso que se renova constantemente ante os nossos olhos deslumbrados; nas nossas cabeças borbulha a seiva inquieta de muitos sonhos em botão, muitos sonhos demasiado belos para permanecerem atrofiados no fundo dos nossos corações ansiosos; apresenta-se-nos, portan-

(Continuação na 3.ª página)

Maria Dulce

fala para os leitores

de 'A Voz da Juventude'



HÁ tempo que nós intentávamos obter para os nossos leitores algumas impressões da já tão conhecida e simpática Maria Dulce, sobre assuntos que, visto a artista ser uma rapariguinha pouco mais ou menos da nossa idade que notavelmente se evidenciou no campo da arte, nos mereceriam duplo interesse.

E a oportunidade chegou. Comecei por lhe perguntar, à laia de introdução.

— Diga-nos, Maria Dulce, quantos anos tem, na realidade?

— Tenho quinze anos.

— Como entrou para o cinema?

— Entrei para o cinema pela mão do distinto actor Samwel Diniz o qual, sendo eu sua aluna, me levou aos estúdios do Lumiar onde prestei provas para o papel de D. Maria de Noronha. E' cer-

to que já tinham comparecido todas as alunas do conservatório — minhas colegas — e as provas, segundo depois me disseram, não foram satisfatórias. As minhas agradaram. E foi assim que eu entrei para o cinema.

— Que sensação experimentou ao filmar pela primeira vez?

— A sensação que experimentei devo confessar que no primeiro dia que pisei o placteau me senti um pouco nervosa e acanhada, mas no segundo e restantes tudo me era já indiferente.

— Dos seus filmes, que com razão nos têm arrancado merecidos aplausos, qual o que mais a impressionou e qual lhe merece as suas preferências?

— Ainda só interpretei dois filmes, que foram «Frei Luís de Sousa» e «Senhora de Fátima». Destes dois, realmente, o papel maior e mais trabalhoso foi, sem dúvida o primeiro... mas o segundo satizfez-me plenamente.

— Gostou de contracenar com Inês Orsini?

— Sim, gostei.

— Agradou-lhe o acolhimento que lhe dispensou o público espanhol?

— Sim; o público português tem-me recebido, seja em que recanto for de Portugal, o melhor possível, e por isso eu lhe estou gratíssima, mas o público de Espanha no acolhimento que me dispensou foi da maior simpatia também.

— Qual o momento mais emocionante da sua carreira?

— Tive dois momentos de verdadeira emoção. O primeiro verificou-se na minha estreia na declamação, estreia essa que foi

(Continuação na 2.ª página)

Maria Dulce

(Continuação da 1.ª página)

feita na Praia de Quarteira quando dos Jogos Florais das Férias de 1950. O segundo tive-o na estreia de gala de «Frei Luís de Sousa» no cinema São Jorge — momento emocionantíssimo para mim.

— Gosta de leitura?

— Gosto imenso de ler, especialmente livros instrutivos.

— Se não fosse artista, o que gostaria de ser?

— Se não fosse artista... gostaria de ser artista!...

— Quais os seus sonhos e as suas ambições?

— Os meus sonhos e ambições consistem em trabalhar cada vez mais para assim subir até o mais alto ponto da craveira, e vir a ser uma grande artista.

— Consta-nos que vai ser a protagonista de um filme espanhol. E' verdade?

— Sim, devo partir em Abril para Espanha afim de cumprir um novo contracto.

— Que pensa do cinema espanhol?

— O cinema espanhol atravessou uma época em que estava a produzir pouco e mal, mas agora, no que diz respeito à produção, é talvez no mundo cinematográfico o segundo país. A' frente, claro, Hollywood que produz tantos filmes e todos de alta categoria!...

E demos por terminado o nosso questionário.

Maria Dulce, porém, acrescentou:

— Gostaria que publicasse no jornal que para todas as pessoas que me escreveram a pedir fotos, eu quando aí fôr à festa da Escola Tomás Cabreira, levarei imensas, e distribuirei também por todos que quiserem.

Despedimo-nos de vez de Maria Dulce, fazendo votos para que a sua já brilhante carreira lhe reserve sempre estrondosos êxitos, e para que venha a ser como ela diz ambicionar, «uma grande artista»! — M. T.

Prome-te a ti própria...

... Sorrir. Tu sabes lá o que podes espalhar com o teu sorriso! Um sorriso é como um raio de sol: alegre, aquece, ilumina!

... Organizar a tua vida. Estabelece um horário, marca uma hora para cada ocupação. A vida é como um jardim. Abandonado, dificilmente se penetra nele, tantas e tão altas são as ervas, tão emaranhados são os ramos. Lindo, tratado, canteiros demarcados, âleas abertas, é um lugar encantador, onde parece que há mais espaço e aflui mais ar, mais luz e mais alegria.

(extraídos do livro (Joaninha quer casar)

O que eu penso nas horas vagas...

Por Maria E. de Mendonça



A vida é para ser cantada numa infundável acção de graças ao Criador.

Se vivermos prosaicamente, sem sonhos grandes e belos, não realizaremos certamente nada de grandioso durante a vida.

TUDO o que se diz é pouco para exprimir o que se sente.

SER poeta é sofrer com as nossas mágoas e com as de toda a humanidade.

Á vista de uma desilusão, nasce outra ilusão ainda maior.

QUANDO eu cantar, não me interrompam! Deixem-me sofrer sózinha a minha dôr.

Poema



O Sol nasceu!
Lentamente, na linha do horizonte,
Vai-se erguendo, preguiçoso.
O Sol nasceu!
E ao doce sussurar daquela fonte
Abre os olhos, tão sumptuoso!

E' já meio-dia.
Que esplendor de luz, que intensidade
A desta luz tão forte, tão forte do meio-dia!
E' já meio-dia.
Poderá haver alguém sem felicidade?
Oh! não, decerto não poderia!

Entardeceu...
Que paz, que suavidade, que tristeza
Nessa hora tão pura de agonia!
Entardeceu!
Enche se a alma da luz da beleza
Da luz do sonho, dos sonhos dum dia.

Anoiteceu!
As sombras do poente já morreram.
A noite, agora, caminha destemida.
Anoiteceu!
E em mim, os olhos d'alma perceberam
Que para além desta vida, há outra vida!

VERA DE CASTRO

Parabéns!

Fazem anos em FEVEREIRO:

Em 3, sr.ª Dr.ª D. Maria Luísa de Mello, Maria Luísa Neto e Maria Helena Eusébio.

Em 5, Lucinda do Carmo Rodrigues, Maria Agueda Brito e Maria Agueda Sintra.

Em 13, Tereza Company Rafael.
Em 14, Valentina da Costa Santos.
Em 15, Antonieta Vidal d'Azevedo.
Em 20, Maria Manuella Santos.
Em 23, sr. Dr. João Esquivel, Milla Vieira Rodrigues e Isabel Alves Neto.
Em 25, Lidia Manuella Bastos Revez.

Em MARÇO:

Em 5, Laura de Jesus Cabrita Bravo.
Em 8, Maria Francisca Prudêncio.
Em 21, Julieta Correia.
Em 26, Maria Arminda Gago.

Tempestade

(Continuação da 3.ª página)

Os barcos eram desemarrados, lançados à água e ocupados no meio da mais encarniçada luta.

A socos, dentadas e a navalhadas disputavam-se os lugares nos salva-vidas.

Muitos caíam feridos ou mortos.
Cinco barcos saíam para longe, porque o vapor ia-se perdendo.

O sexto, depois de bárbaro morticínio, ficou cheio de marinheiros. Tinham latvos de sangue nos olhos e os lábios tremiam de cólera.

Foi então que uma pobre mulher, jovem e formosa, apareceu sustentando nos braços trémulos um menino de três anos.

— Se tendes caridade e sois homens salvai o meu menino! — gritou ela — na roupa leva o nome do pai.

E, beijando-o com a desesperação do último beijo, lançou-lho aos braços.

Um marinheiro, de aspecto feroz, com um machado na mão dispunha-se a tomar o governo do barquito. Mas, quando viu a criança, estendeu-lhe os braços e recebeu-a carinhosamente. A mãe, do alto do barco, agradeceu-lhe com um olhar de ternura infinita.

Duas lágrimas brilharam então nos olhos raiados de sangue do feroz marinheiro... e brandindo o machado, gritou aos companheiros:

— Abro a cabeça a quem se oponha! E gritou à mulher jovem:

— Atire-se sem medo — que neste barco há lugar para uma mãe!

Judite Carrusca

Divagação

O' nuvem do poente, côr de rosa,
Que aguardas o azul do ar,
Abre tuas asas, leve mariposa,
... E leva-me contigo a passear...

— Ver castelos de nuvens de algodão
Com suas torres de estrelas e luar,
Ter o mundo ali, na minha mão,
Atento e submisso ao meu mandar!

— Jogar à bola com a lua cheia,
Ir acender o sol, de manhãzinha...
E adormecer nas nuvens, à noitinha,
Tendo as pálidas estrelas por candeia.

Pedir aos anjos que me contem histórias
— Que eles devem sabê-las bem bonitas!
De fadas, reis valentes, de vitórias,
De reinos de belezas infinitas!

E, enquanto a turba vã e misteriosa
Se agita, e elama, e brada a falsos céus,
— Deixa que eu pense a Vida cor de rosa,
Deixa que eu brinque com as estrelas,
Deus!

MARIA TEREZA

Um cantor estando rouco perguntava a um médico se os ovos frescos aclaram a voz e favorecem a emissão dos sons.

Resposta do médico:
Creio que sim. Veja as galinhas, assim que poem desatam logo a cantar!

VAIDADES — Sabes? Há pouco chamaram-se miss Albergaria-a-Velha.
— O' filha, isso de Albergaria devia ser por engano ou amabilidade...

Memórias de um gato de peluche



Tempestade

A vida sorria-me. Muito direito e quietinho, na montra de uma loja de brinquedos, perto de uma ratinha, por sinal muito simpática, via os transeuntes que passavam apressados. Por vezes paravam. Mas era nos mais novos que eu reparava... talvez algum dia me levassem.

Ora havia alguns dias que eu reparava numa garotinha magra, com a carita pálida, onde só brilhavam dois grandes olhos negros aveludados, que as azuladas olheiras faziam realçar. Sempre que passava pela montra, parava para olhar-me. E eu, talvez em face daquela miséria, daqueles olhos em que havia um eunho de sofrimento, senti que o meu coração de trapos, elásticos, molas e fitas, se enteneceera por ela.

Aniversário

(Continuação da 1.ª página)

to, quase como uma necessidade cantar o azul das manhãs, o esplendor do sol, a transparência do céu; finalmente, «A Voz da Juventude» é o eco de muitos sonhos semelhantes, e lá se podem desabafar todas aquelas coisas que se pensam e não se dizem, e publicar todos aqueles papeluchos rabiscados que se disfarçam no fundo das gavetas.

E, embora «A Voz da Juventude» possa não passar de um jornaleco sem interesse, e os seus escritos sejam insípidos e mutilados, nunca será uma coisa inútil!

Ele é mais uma recordação inefável a juntar a tantas outras que, embora assaz próximas, já vão ficando impregnadas do odor característico das coisas que passaram... e que não voltam mais!

E' necessário, portanto, que «A Voz da Juventude» seja firme, cristalina e perdure através dos tempos, que seja a expressão entusiástica de muitos sonhos altaneiros e de muitos e elevados ideais—para que mais tarde, quando a escalada da vida se nos mostrar mais à spera e pedregosa, nós possamos olhar para trás... e não divisarmos apenas umas sombras esbatidas, sem perfume e sem contornos!... Que, aspirando a fragrância dos passados ideais, os nossos braços desalentados, possam erguer-se, voluntariosos, e remover os obstáculos que se opuserem à continuação e ao ritmo da nossa marcha triunfal na vida!

Maria Tereza

(A's irrequieias e alegres alunas do 1.º ciclo, com profunda saudade, dedica SNITRAN SEVEN).

Não sorriam, porque o coração de um gatinho de peluche também é susceptível de se prender, como o de qualquer pessoa!

E já não me sentia bem quando a não via. A minha pobre cabeça, que garbosamente ostentava duas espevitadas orelhitas, parecia que andava à roda.

Vamos, eu, um gato de peluche, gostava daquela garotinha rota, que me inspirava piedade.

Quando deixava a montra, era com um suspiro doloroso, e eu ficava tão triste!

Ao apagar das luzes, quando toda a cidade dormia, eu, na penumbra da montra, pensava nela e então tinha o crescente desejo de ser como os homens para poder auxiliá-la.

Assim, sendo um bonito bichano de peluche, com uns grandes bigodes que me davam uns ares importantes, nada poderia fazer.

E ela gostava tanto de mim...

Os meus companheiros achavam-me triste, acabrunhado. Até D. Ratinha andava eu-me-tanta.

Ultimamente, andava inquietadíssimo. Passara-se um mês e dias e ainda não descobrira, por entre os visitantes do meu palácio de vidro, os olhos magoados da pobre pequena. Chorei lágrimas bastante amargas, se acaso isto é possível para um «minhau» de peluche.

Estávamos na quadra festiva do Natal. A minha montra tinha agora muitos visitantes. Cada vez que algum chegava, eu desejava, então, poder mover-me, para me esconder. Podia vir um que me comprasse, e eu já não poderia ver a minha amiguinha.

Mas, um dia, vi entrar na loja uma senhora muito bonita e jovem, que trazia pela mão uma menina loura, de olhos azuis, não tão bonitos como os de veludo da minha pequenina.

Ignoro porquê, mas preferiu-me à linda boneca loura que o empregado lhe mostrava. Fez-me uma festinha muito meiga, e eu, em troca daquela carieia, se pudesse, tê-la-ia arranhado toda, pois me furtava à vista da minha amiguinha.

Nunca mais a minha dona me deixou. Até dormia comigo. E eu sempre triste!

Se ela adivinhasse o meu sentir, certamente ficaria inquieta.

Mas, um dia de manhã, a minha dona não veio buscar-me para o passeio costumeado. E diga-se a verdade, estranhei.

Nesse dia não a vi. Mas à hora de jantar, ouvi uns passinhos leves, e então, manhosamente fingi que dormia.

Pegou em mim e levou-me para a sala de jantar, onde me sentou numa fofinha cadeira. Deu-me um beijo e saiu para voltar pouco depois acompanhada, por quem, meu Deus, pela minha amiguinha de olhos tristes!

Não posso descrever o que senti naquele momento. Tive vontade de saltar daquela cadeira, à qual ficaria eternamente pregado, se não fora ela, que, louca de alegria, correu para mim e me apertou contra o peito.

Vi então que duas lágrimas cristali-

SÁIMOS do posto com rumo à costa americana. O mar era um lago tranquilo e o céu espelhava o seu azul puríssimo na placidez das águas. O sol brilhava como a lâmpada maravilhosa de Deus.

De repente, sobreveio uma horrenda tempestade; a paz mudou-se em desordem. Um golpe de mar quebrou a hélice, varreu a coberta e levou, como se fossem folhas leves, três homens da tripulação, fortes como robles da montanha.

Nunca mais se viram. Perderam-se nas ondas que eram montanhas de água num vai-vem agitado.

E o barco era uma casquinha de nós, dançando, ao sopro do vento, numa dança de morte. Já não havia esperança.

O capitão, firme no seu posto aguentando a fúria do vento, transmitia ordens.

Uma onda passou veloz pela coberta. O seu lugar ficou vazio...

Foi a sepultar no panteão dos marinheiros.

A onda, enorme, veio buscá-lo ao seu posto.

Desde essa hora o terror converteu-se em pânico.

A morte rondava, na sua ronda fúnebre. Um golpe de mar abriu um rombo por baixo da linha de flutuação.

— Vamos a pique! — gritaram — vamos a pique!

— Aos salva-vidas... Aos salva-vidas!

Os passageiros subiram à coberta.

O barco metia água pela ferida larga e dançava, como se fosse uma pena, desesperadamente.

A cena foi horrível...

Orações, gritos, soluços, juramentos, maldições. E o mar cobria as vozes com uma voz maior — a voz da tempestade.

(Continua na 2.ª página)

linas lhe corriam pelas faces e pouco depois caíam sobre mim.

Essas lágrimas, que noutra qualquer altura ter-me-iam feito assanhar, foram como que um bálsamo consolador.

A pequenita tinha sido recolhida por aquela menina loura que eu tanto odiei.

Voitou a reinar paz em mim, porque a via e a sabia feliz.

Passaram-se anos e eu fui abandonado. Meteram-me num armário do sótão entre papéis e teias de aranha, e, lá escondido, contentava-me em ouvir a história dos meus novos companheiros.

A traça, porém, teimava em picar-me e assim comeu-me uma das minhas arrebitadas orelhitas.

Um dia, muito tempo depois, senti que duas mãozinhas frágeis pegavam em mim. Lembrei-me de que seria a minha dona. Pobre tonto... Uma voz meiga tirou-me todas as ilusões, perguntando: «De quem é o bichano, minhã?» Fiquei sabendo então que minha dona casara e tinha uma filha.

Passéi do armário do sótão para uma salinha de brinquedos, mais modernos que eu, e senti-me acanhado.

Mas depressa fui abandonado. E agora, novamente no velho armário, espero que a traça me coma ou que a morte venha.

Mas parece-me que ainda não está para breve, porque ouvi um dia dizer a um velho manuserito, com ares de sabichão, que os gatos têm sete fôlegos.

Será também para os de peluche? Bem me parecee...



BICHANO

O batuque

em



Marracuene

Por Maria Valentina

HAVIA já muito tempo que meus pais tinham grandes desejos de ir, num domingo de batuque, a Marracuene, pois que, já com 10 anos de África nunca se tinha proporcionado vermos um, embora já lá tivéssemos ido muitas vezes.

Naquele domingo o movimento nos comboios que vinham de Lourenço Marques, mesmo às 8 horas, já era desusado. Intrigado, meu pai perguntou a um lancain que ia passando o que é que havia em Marracuene, para um movimento tão grande.

— Batuque, sinhô, e bom! Vai genti de «todo» os lados.

— Batuque, hoje, não me consta..., atalhou meu pai com ar de dúvida.

— «Chicumbo», sinhô, batuque, «maningai» cajú, «maningue» v i n h o cajú, agora...

— Há! logo vi... batuque neste tempo só à custa de cajú, com o calor que aí há!

— Meu pai tem decisões muito súbitas, e, como naquele dia não podíamos ir a Lourenço Marques e estávamos aborrecidos, a primeira coisa que fez quando chegou a casa foi dizer que nos fôssemos preparar para irmos para Marracuene, no comboio das 2 horas. Eu e minha irmã Nélita ficámos contentíssimas e, caso raro na vida das duas «ilustríssimas» irmãs Nélita e Valentina nesse dia não houve zanga entre nós. Eram 2 horas, quando satisfeitíssimas da vida, subimos para o comboio. Das carruagens da frente, as reservadas aos pretos, vinha uma barulheira infernal.

Passada meia hora, começaram a alvejar as primeiras casas de Marracuene e já, por detrás do cenário maravilhoso dos cajueiros coqueiros e bananeiras, aparecia o rio com as suas ilhotas maravilhosamente luxuriantes de vegetação tropical. Quando desembarcámos na estação, já se ouviam perto os ecos malucos do batuque. Depois de termos atravessado a vila, chegámos ao local do batuque que era na grande clareira junto ao rio.

Parámos admirados, pois o espectáculo que se patenteava aos nossos olhos era realmente im-

SINAIS DA SABEDORIA



ELIOS, segundo o célebre filósofo grejo Epiteto:

— «Não censura nem louva ninguém; não se queixa de ninguém; não fala de si mesmo como se fosse um homem importante ou como se fosse qualquer coisa; se encontra algum obstáculo que atraze ou impeça a execução dos seus projectos, só se queixa de si próprio; se alguém o louva ri-se, em segredo, desse adulator; se o reprecendem, não se justifica; como os adolescentes apalpa-se e observa-se, com receio de interromper, esse começo de cura antes que a saúde esteja completamente restabelecida; é senhor absoluto das suas idéias; só tem aversão ao que é contrário a natureza das coisas que dependem de nós; não deseja nada com excessivo entusiasmo; se o chamarem imbecil e ignorante não se importa; finalmente desconfia de si próprio, como de um inimigo e de um homem que lhe arme constantemente ciladas.»

Personalidade

ELA todos os dias, alguma coisa que ninguém esteja lendo. Pense todos os dias em alguma coisa em que ninguém esteja pensando.

Faça, todos os dias, algo que ninguém teria a loucura de fazer.

Não há nada pior para o espirito do que fazer sempre parte da unanimidade. — **Cristopler Morley**

O que dizem as unhas:

Compridas e chatas — sensatez, inteligência e habilidade.

Largas e curtas — cólera e gênio barafustador.

Curvas em garra — hipocrisia, malvadcz.

Frágeis, bem feitas — espirito largo.

Compridas e delgadas — imaginação e romantismo.



Colaboração de MÍLIA RODRIGUES

possível de descrever, de uma grandeza infinita, o batuque transcrevia para o mundo civilizado nos seus ritos selvagens, todo o mistério e beleza que encerra a imensa selva africana. Tinha os movimentos cautelosos e felinos do tigre que descobre a corça pura e inocente, os movimentos burlescos e acrobatas dos macacos, os movimentos elegantes e velozes do veado, sempre alerta, e também o trote pesado e largo da desproporcionada avestruz. O próprio vestuário dos negros traduzia selva e cheirava a selva, desde a pele de leopardo que, vinda de um ombro, ia envolver-lhe as ancas até às penas que, orgulhosamente, ostentava na cabeça. Davam os gritos estridentes da galinha do mato e imitavam o rugido do feroz leão. Tinham os corpos esbeltos e musculosos, cober-



CARTA

MEU querido pai: Escrevo-lhe esta carta na segunda-feira para que, recebendo na terça, fique sabendo na quarta que não terei dinheiro na quinta, e que se o não mandar na sexta, tomarei o comboio no sábado e encontrar-nos emos em casa no domingo.

Seu filho muito amigo

Gregório Penúrias

RESPOSTA

Meu querido filho: A' tua carta de segunda-feira, recebida na terça, respondo na quarta, para que na quinta fiques informado de que te não mandarei dinheiro na sexta e que, se vieres de comboio no sábado, levarás no domingo bordoadas de criar bicho...

Teu pai

Gregório das Forças

O professor:

Qual foi a primeira coisa que D. Manuel fez ao subir ao trono?

O aluno (depois de hesitar):

— Bom... a primeira coisa foi sentar-se nele.

A freguesa: — Então, sr. José? Comprei aqui um quilo de batatas, fui pesá-las em casa só tinham 750 g..

O merceeiro: — Ora, senhora Maria! Para servir bem eu tirei as podres...

A esposa: Amanhã fazemos anos de casados. Que presente prefere, querido?

O marido: Um minuto de silêncio, como na comemoração dos grandes flagelos.

tos de suor pelo esforço; as próprias negras que acompanhavam o batuque com as suas palmas e gritos estridentes estavam arquejantes e cansadas, mas continuavam como que hipnotizadas nos seus candenciados movimentos. Era realmente um espectáculo inédito que só nos poderia ser dado pejos negros selvagens e misteriosos como a própria floresta virgem. No entanto, não estivemos em Marracuene mais que uma escassa hora, pois o batuque, quando visto durante muito tempo parece que hipnotiza, tornando-se perigoso. E já no comboio, a caminho de casa, vinha pensando comigo que o batuque é toda a alma de África traduzida numa simples e louca dança da raça a que chamam a mais desprezível do mundo, mas que tão bem sabe patentear às gentes a sua alma selvagem e pura como nenhuma.

